

Um grande romancista escreve sobre outro grande romancista: «O anjo ancorado» visto pelo autor de «O fio do horizonte», em texto inédito destinado a prefaciar uma nova edição

José Cardoso Pires um romance retrospectivo

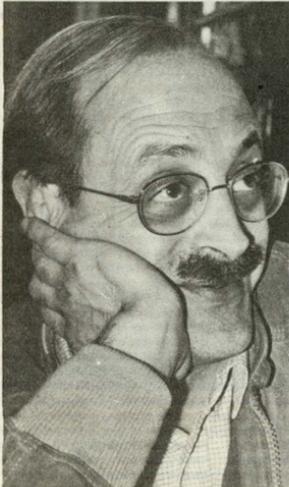


António Tabucchi

Nos anos cinquenta, Portugal era um espaço fechado, um lugar de infelicidade e solidão. Este romance de José Cardoso Pires fala exactamente disto: da infelicidade e da solidão. Fala também da má consciência de um casal burguês, cheio de boas intenções e de palavras. Mas o que é má consciência se não uma forma de infelicidade?

Creio que nenhum outro escritor português soube contar, como Cardoso Pires, a infelicidade e a solidão: a infelicidade e a solidão do indivíduo mas também de toda uma sociedade, de um país inteiro. E ninguém, como ele, soube radiografar um sistema político como o salazarismo, apanhado na sua fase senescente. Um sistema esclerosado, sulcado por profundas fissuras, que causara na alma das pessoas desgastes já irremediáveis, abrindo galerias obscuras onde habitam justamente a infelicidade e a solidão.

No belíssimo romance que *O Delfim*, Cardoso Pires olhou a realidade do seu país como se fosse a trama de uma intriga policial. Navegou despojado a história que é *O Anjo Ancorado*, ele observa essa realidade com olhos estranhos, de longe, imune a qualquer *pathos* ou rancor. Daí resulta uma parábola, um *exem-*



António Tabucchi e José Cardoso Pires: o escritor escreve sobre o escritor

plum, uma espécie de fábula da qual se pode extrair um ensinamento. E é exactamente graças a este procedimento que o panorama se alarga, que a história ultrapassa os limites geográficos do Portugal daqueles anos e se torna



universal, falando-nos do mal-estar, da dificuldade de viver, do desassossego que nos acompanha, a nós que vivemos hoje. A primeira vista trata-se de um romance realista. Mas é, na realidade, um romance metafórico. É

um romance repleto de símbolos. Há um automóvel potente que atravessa uma paisagem arcaica; há um peixe imóvel no fundo do mar; há um amor que não é amor; há um dia de férias; há um velho fantejo; há uma aldeia esquecida.

Tudo isto fechado na unidade aristotélica de tempo, lugar e acção. Aparentemente, nada acontece. Na realidade, tudo acontece. Os livros de Cardoso Pires são assim: a ler e a reler. Oferecem-nos o prazer imediato de uma história e obrigam-nos depois a uma reflexão sobre essa história. São livros interrogativos, como todos os livros dos grandes escritores.

E há uma grande diferença entre livros que interrogam e livros que afirmam. Eu, pela minha parte, sou pelos livros que interrogam, porque creio que a literatura não deve dar respostas nas colóquias perguntas. Refiro-me a uma literatura que não dá alívio, que não tranquiliza, que, ao contrário, provoca mal-estar e inquietação, desassossego, como se diz em português, ou *intranquillité*, para usar um neologismo de Michaux que foi depois utilizado em França para traduzir o título de um livro de Fernando Pessoa, *Le livre de l'intranquillité*.

Digo Pessoa, e não por acaso. Lede *O Delfim* e veréis que Pessoa nos aparece com o seu sorriso maligno por entre as considerações e conjecturas do protagonista. Porque Pessoa ensinou que a realidade é fugidia, ambígua, subterfúcia. E Cardoso Pires, que herdou a lição pessoana, começou também a questionar uma realidade fugidia, ambígua e subterfúcia. Como um detective que tem de resolver um mistério, ele agarra os muitos pedaços de que é

feita a realidade e começa a pôr hipóteses a fim de a reconstruir, decompõe-a e recompõe-a, aceita jogar o jogo das combinações. E, assim, inventa «o ponto de vista» muito antes de a narratologia o ter teorizado. *O Delfim* é constituído sobre pontos de vista, e, olhando bem, até *O Anjo Ancorado* é constituído sobre pontos de vista. Há o ponto de vista de uma criança que quer vender uma renda de Peniche, o ponto de vista de um velho que tem de matar a sua fome, o ponto de vista de um pássaro que tem de fugir ao velho, o ponto de vista de um homem com má consciência e o ponto de vista de uma rapariga que olha a realidade através de poesias de mau gosto. Mas, interrogo-me onde está o ponto de vista do autor? É uma pergunta que me intriga. Interrogo-me e não encontro a resposta. Talvez o ponto de vista do narrador coincida com o do leitor, seja um ponto de vista aberto, seja, como disse antes, um ponto de vista que interroga. E com uma interrogação se encerra este romance interrogativo. A primeira vista pode parecer uma interrogação banal e quotidiana, mas, na realidade, é uma interrogação ao futuro, talvez uma aposta. «Que faz você amanhã?». Fecha-se o livro e resta a inquietação. E amanhã? É provável que, para amanhã, haja que inventar uma outra história.